



SALÁRIOS: "somos humanos, mas ninguém nos dá valor". Correio Popular, Campinas, 03 mar. 1979.

"SOMOS HUMANOS, MAS NINGUÉM NOS DÁ VALOR"

Para Idelfonso de Souza, "a empresa não tem condições de conceder aumentos salariais em bases fixas e definitivas. O sindicato fez um ofício e enviou à empresa dando um prazo até o dia 28 do mês passado. Em vista disso a empresa estudou as propostas apresentadas pelo sindicato e decidiu reajustar também os prêmios englobando o prêmio como salário". Concluiu dizendo que o sindicato convocou nova assembleia, anteontem à tarde, ocasião em que, segundo Idelfonso, não compareceu ninguém, nenhum líder que representasse a classe dos motoristas da empresa.

"Numa situação dessas — comentou — Idelfonso — tanto a empresa como o sindicato ficaram sem uma resposta positiva sobre o problema. O sindicato, por sua vez, ficou alheio a tudo isso".

Para o Secretário da Administração da CCTC, "nem o sindicato, nem a empresa sabiam que os motoristas realizassem essa greve. Não obstante, ocorreu um fato estranho: a CCTC publicou ontem, na imprensa local, carta remetida em 28 de fevereiro ao presidente do Sindicato dos Condutores de Veículos Rodoviários e Anexos de Campinas, "por se tratar de assunto que interessa diretamente à população da cidade — especialmente aos que diariamente se utilizam do serviço de ônibus".

Para alguns motoristas de ônibus esse comportamento da CCTC é muito estranho: "eles sabiam ou pelo menos previam que estaríamos prontos a realizar uma greve caso nossas reivindicações salariais não fossem atendidas", comentou um funcionário da empresa, que trabalha na linha Swift/Boa Vista.

Mas, para Idelfonso, a CCTC não está pensando, "em hipótese nenhuma, punir seus funcionários por provocarem essa greve, nem mesmo demitir quem quer que seja. Agora, qualquer resposta positiva só será dada logo mais à tarde, através dos contatos que estão sendo tratados com o diretor da empresa, de São Paulo, presidente do sindicato e prefeitura".

CONTRATO

O contrato da Companhia Campineira de Transportes Coletivos, concessionária da Auto Viação Cometa, em Campinas, foi assinado em 10 de fevereiro de 1.961, através da Lei n.º 2.350, de 5 de outubro de 1.960. Mas, nos termos das leis 2.350, de 05 de outubro de 1960, e 3.628, de 22 de novembro de 1967, e conforme o despacho proferido pelo prefeito a 18 de dezembro de 67, no processo n.º 3.718.67, ficando prorrogado por mais dez anos, ou seja, até 1.981.

MOTORISTAS RECLAMAM

Mário Martins, motorista há 8 anos, ontem à tarde era interpretado pelos seus colegas de trabalho, como "líder", embora discordasse que estava, na realidade, liderando o movimento grevista.

"Não sou líder coisa nenhuma. Apenas fui escolhido pelo presidente do nosso sindicato, Mauro Ribeiro para representar a classe, você entende? Uma espécie de intermediário" — disse Mário. Os seus colegas, ao seu redor, apoiavam e complementavam as informações que Mário prestava à imprensa.

Tanto Mário Martins como vários outros motoristas começaram a fazer uma série de denúncias sobre a má reputação e comportamento dos atuais dirigentes da empresa.

Segundo as denúncias dos motoristas, "a empresa exige que a gente faça horas extras até não se poder mais trabalhar. No carnaval, por exemplo nós não tivemos horários fixos". "Nós chegamos a trabalhar cerca de 23 horas corridas. Não passamos de escravos, não recebemos salários que nos permitam viver com certo conforto com a família. Na situação em que está, não é possível a gente trabalhar direito, atender bem aos passageiros. Tudo gira em torno de dinheiro: se você ganha bem, está contente com o seu salário, logicamente você também vai atender bem aos passageiros. Não há horário para almoço, para um lanche meio rápido. Tudo é feito às pressas, dentro do próprio ônibus. Mas isso ninguém vê. É um sacrifício que ninguém vê".

Outro motorista disse ainda que "quando a mulher da gente vem trazer o almoço, falam que são prostitutas, que são mulheres à-toa e a gente não pode fazer nada. E, além disso, eles (empresa) dão gancho de três dias sem mais nem menos. Olha, rapaz, é duro você ter que trabalhar durante 8, 9 ou até 11 horas sentado num banco de ônibus, rodando o tempo todo pela cidade. O gancho come solto, aqui na CCTC". É preciso que os empresários nos dêem mais atenção. Na certa haverá o retorno disso tudo porque também somos seres humanos".



Motoristas de táxis roubando a população cobrando taxas além da tabela